

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

**A DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA TRIÁDE ENSINO-PESQUISA-
EXTENSÃO¹**
**UNIVERSITY TEACHING IN THE TEACHING-RESEARCH-EXTENSION
TRIAD**

Vanessa Marin²

¹ Pesquisa resultante de estudos feitos durante o curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí.

² Vanessa Marin, aluna do Curso de Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUI, bolsista UNIJUI, nessamarin@yahoo.com.br

RESUMO

A educação de nível superior passa por uma série de relações burocráticas, pedagógicas e sociais que envolve a produção e a disseminação do conhecimento, bem como seu diálogo com a sociedade. Assegurada na Constituição Federal e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a tríade ensino-pesquisa-extensão deve ser promovida em todos os aspectos na universidade, tornando-se crucial no trabalho do professor, na formação dos estudantes e na transformação social. Nesse sentido, o problema que esta pesquisa busca trazer para análise é: como o professor pode promover a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão? Para tanto, objetivou-se analisar o trabalho docente no ensino superior na indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão para a formação de sujeitos críticos e articuladores nas transformações sociais, bem como apresentar como está estruturada a universidade nesta tríade indissociável, discutindo como a figura do professor, enquanto protagonista nos processos educativos superiores, contribui para a formação dos estudantes de maneira holística. Como metodologia utilizou-se essencialmente a pesquisa bibliográfica cujos dados são oriundos da pesquisa teórica realizada a partir dos autores Almeida (2012), Cunha (2018, 2016), Gadotti (2017), Libâneo (2011), Síveres (2013, 2011), dentre outros. A pesquisa foi descritiva com abordagem qualitativa. Dessa maneira, apresentou-se uma série de conceitos a respeito do trabalho docente que acaba por confirmar a importância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no processo de ensino e aprendizagem na educação superior para a formação de seres éticos em um meio social heterogêneo. Compreender tais conceitos se tornou essencial para que se analisasse a situação das instituições de ensino superior dentro da sociedade contemporânea, que está articulada numa relação de simbiose de forma complexa.

Palavras-chave: Ensino Superior. Tríade Ensino-Pesquisa-Extensão. Trabalho docente.

ABSTRACT

University education goes through a series of bureaucratic, pedagogical and social relations involving the production and dissemination of knowledge, as well as its dialogue with society. Ensured in the Federal Constitution and in the National Education Guidelines and Bases Law, the

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

teaching-research-extension triad must be promoted in all aspects of the university, becoming crucial in the work of the teacher, in the training of students and in social transformation. In this sense, the problem that this research seeks to bring to analysis is: how can the teacher promote the inseparability among teaching-research and extension? Therefore, the purpose of this study was to analyze the teaching work in university education in the inseparability teaching-research-extension for the formation of critical students and articulators in the social transformations, as well as to present how the university is structured in this inseparable triad, discussing how the teacher figure, as a protagonist in university education processes, contributes to the formation of students in a holistic way. The methodology used was essentially the bibliographical research whose data are derived from the theoretical research carried out by the authors Almeida (2012), Cunha (2018, 2016), Gadotti (2017), Libâneo (2011), Síveres (2013, 2011), among others. The research was descriptive with a qualitative approach. In this way, a series of concepts was presented regarding the teaching work that confirms the importance of the inseparability among teaching-research and extension in the process of teaching and learning in university education for the formation of ethical beings in a heterogeneous social environment. Understanding these concepts became essential for analyzing the situation of university institutions within contemporary society, which is articulated in a complex symbiosis relationship.

Key words: University Education. Teaching-Research-Extension Triad. Teaching work.

1. INTRODUÇÃO

A educação superior pressupõe uma formação competente e humanista que depende de uma concepção curricular aberta e participativa, fazendo dos estudantes sujeitos ativos de seu processo pedagógico. O professor, além de domínio técnico e teórico, precisa se alicerçar em capacidades pedagógicas, assim como deve propiciar isso a seus estudantes. A pesquisa é ancorada na pós-graduação, que analisa especialmente os aspectos epistemológicos e metodológicos da formação dos sujeitos. O pesquisador deve ser participante, não um observador distante, deve ser flexível e aberto ao diálogo, que compreende "(...) o campo investigativo com base em pontos de vista plurais" (DALBOSCO, FÁVERO, 2017, p. 23). Na extensão, ocorre a interação universidade-comunidade de uma forma mais direta, embora ocupe um espaço mais reduzido no campo universitário. É nela que observamos com mais clareza os conflitos sociais e a mediação da pluralidade de interesses. Suas atividades, assim como o ensino e a pesquisa, complementam a formação do estudante e o desperta para a cooperação social que, em si, é uma dimensão formativa.

Na sociedade, hoje, a educação monopolizadora do conhecimento é desafiada a se afastar de verdades prescritivas e de conduzir as incertezas, visto que as novas tecnologias alteraram o status das instituições de ensino. É o que afirma Cunha (2018), acrescentando que:

O emergente é uma educação que prepare as novas gerações para a imprevisibilidade e para a capacidade de continuar aprendendo. Incorpora-se a dúvida e a capacidade da

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

pergunta como um valor, com a finalidade de estruturar problemas investigativos que superem a anterior valorização da memória e da resposta única (p. 9).

A universidade é mais um dos inúmeros meios de conhecimento. Por isso Dalbosco e Fávero (2017) defendem que se deve olhar muito além desta instituição. Em uma sociedade em constante mutação, é preciso se adequar às demandas sociais, além da produção e transmissão de conhecimento que sempre caracterizou o trabalho universitário. Conforme esses autores, existem três fatores que interferem diretamente na universidade: a mercantilização (demandas do capitalismo), a formação humana (imprescindível para o exercício da cidadania) e a internacionalização (um campo de oportunidades, de complemento educacional e troca de experiências que aprimoram pesquisas). No ínterim universitário, a tríade ensino-pesquisa-extensão acontece em diversas frentes e envolve professores, estudantes e sociedade, em um mecanismo educativo que busca o desenvolvimento das capacidades humanas acima de tudo e em distintas direções.

Desta forma, o questionamento que se faz nesta pesquisa teórica é similar ao que Cunha (2016, p. 93) coloca no trecho: “Como relacionar ensino, pesquisa e extensão no âmbito da graduação, como prediz o construto constitucional?” Algumas adaptações e inovações das práticas pedagógicas docentes são necessárias para que aconteça o processo de construção do conhecimento, vinculando-o à transformação da realidade, pois o ensino vai além do espaço da sala de aula, deve integrar diferentes saberes, pesquisa e extensão, bem como a formação de professores.

Inovar é reinventar as instituições educativas nesse ambiente tecnológico, diferenciando informação, que é generalista, de conhecimento, que envolve a subjetividade e é ressignificado pelos sujeitos. O professor é quem vai articular esse processo, incorporando a dúvida como um valor, quebrando o paradigma de detentor do saber. A inovação, tida como ruptura pedagógica, conforme Cunha (2016), envolveria mudança metodológica, quebrando a estrutura vertical de poder; inclusão de recursos tecnológicos; nova forma de compreender o conhecimento e a ciência; alteração nas bases epistemológicas da prática pedagógica; reconhecer novas alternativas de saberes.

Refletir sobre um projeto de educação pautado pela indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão altera o modo de ser professor ou estudante e potencializa uma construção em cooperação. “(...) manter-se dentro desta dinâmica, na atualidade, exige dos gestores e professores um esforço de organização e manutenção de um pensamento crítico e afetivo para uma ação conjunta” (SÍVERES E MENEZES, 2011, p. 64). A indissociabilidade, portanto, não é somente uma legalidade, mas um objetivo educacional maior. “Nesse sentido, para que aconteça a indissociabilidade, é necessário que os sujeitos educativos superem as diversas formas desintegrativas e conduzam um processo mais sistêmico e integrado” (idem, p. 53). Essas abordagens, no processo ensino-aprendizagem, contribuem para a formação de sujeitos com visão mais holística, de acordo com as novas realidades. É por isto que a transdisciplinaridade se torna fundamental em uma educação indissociável e deve ser promovida pelo professor como tarefa essencial, como será abordado

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

nesta pesquisa.

2. METODOLOGIA

Para gerar impacto social e inovação, o campo da pesquisa na educação superior precisa se integrar com a economia e as políticas públicas, valorizando temas de interesse local com potencial regional. Sendo assim, descrever e compreender essa esfera da realidade, de modo a saber interpretá-la, leva ao aprendizado de como saber transformá-la, a partir de ações mais assertivas. Os métodos científicos, nesse contexto, permitem alcançar os objetivos da pesquisa, embora a ciência, conforme Minayo, Deslandes e Gomes (2012), seja apenas uma das formas (não conclusivas) de se explicar os fenômenos da vida, que pode ser percebida a partir de diferentes perspectivas, sem verdades universais.

Quanto à natureza, o objetivo maior desta pesquisa foi a aquisição do conhecimento de forma teórica, cuja finalidade de utilização prática relaciona-se à vida docente desta pesquisadora, na medida em que a compreensão das demandas do trabalho do professor da educação superior delinea e dá respaldo às suas práticas docentes. Quanto aos objetivos, esta pesquisa foi descritiva, pois procurou expor e descrever fatos e fenômenos da realidade estudada, neste caso, o trabalho docente na universidade e sua relação com os estudantes no processo de aprendizagem, a partir da tríade ensino-pesquisa-extensão. Para compreender o campo científico estudado e gerar aprofundamento teórico, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico, realizando-se a leitura dos autores Almeida (2012), Cunha (2018, 2016), Gadotti (2017), Libâneo (2011), Síveres (2013, 2011), dentre outros. A abordagem foi qualitativa, ou seja, através de um nível de realidade não quantificável, pois esse tipo de pesquisa "(...) trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes" (MINAYO, DESLANDES e GOMES, 2012, p. 21). A partir dessa ótica, buscou-se a compreensão do problema desta pesquisa, cujos resultados práticos encontram-se na construção deste texto reflexivo e se baseiam no fato de compreender a realidade para que ocorra sua transformação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A UNIVERSIDADE E O PRINCÍPIO DA INDISSOCIABILIDADE ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO

A universidade continua sendo uma referência na construção do conhecimento, na educação e no desenvolvimento social ao longo de vários séculos, mostrando que seus objetivos são permanentes mesmo em um mundo em transformação. Ela legitima os conhecimentos do mundo e produz outros, em permanente diálogo para buscar soluções conjuntas, conforme Síveres e Menezes (2011).

O desenvolvimento econômico observado no Brasil a partir da década de 1920 forçou a inclusão da prática da pesquisa, porém ainda não haviam universidades, que aparecem somente uma

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

década após (a pós-graduação, somente em 1961). Nas duas últimas décadas, as instituições de ensino superior privadas ganharam maior presença que as públicas. Tais dados são fundamentais para se compreender as ações de ensino, pesquisa e extensão acadêmicas: além do maior número de instituições serem privadas e de ser relativamente recente a existência das universidades no país, estas possuem maior destaque na tríade ensino-pesquisa-extensão, devido, em partes, ao regime de trabalho adotado por este tipo de instituição (GOMES, MACHADO-TAYLOR e SARAIVA, 2018).

A partir da década de 1960, no Brasil, a universidade começa a despertar para seu compromisso social e suas ações voltam-se para as classes sociais. O princípio de indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão se estabeleceu na Constituição Federal de 1988 e se tornou uma das finalidades da universidade na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 (GADOTTI, 2017).

A discussão sobre a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão tem demonstrado alguns avanços, mas também desconfortos entre seus atores. Sampaio e Freitas (2010) destacam que a tríade é citada na Constituição como eixo da Universidade nacional, além da LDB, já em função de críticas anteriores de alguns pensadores com relação às diversas formas tradicionais de ensinar, muitas vezes sem o compromisso social próprio do professor-pesquisador ensinado e aprendido em aula. “Ocorre que a interpretação do princípio de indissociabilidade, tal como proposto da lei, tem se dado de diferentes maneiras, com implicações diversas para as instituições de ensino superior (...)” (SAMPAIO e FREITAS, 2010, p. 17). Por isso é importante pensar no que fundamenta e torna única uma universidade na sociedade: local de sistematização e produção do conhecimento, que precisa ser socializado. “Uma tarefa difícil (...) quando consideramos que a Universidade tem de dar conta das epistemes e, ao mesmo tempo, da formação profissional, além de reconhecer que ambas as ações nunca são neutras, mas sempre socialmente referenciadas” (SAMPAIO e FREITAS, 2010, p. 18).

Para Cunha (2016, p. 89) “(...) é preciso repensar a universidade no contexto de suas políticas e formas de produção e distribuição do conhecimento”, considerando o contexto social no qual está inserida. Percebem-se três pontos de tensão. Inicialmente, o paradigma da ciência moderna se estabeleceu no método científico de rigor matemático, dividindo os temas de estudo em partes, o que impactou na forma de estruturação curricular da educação. A especialização e a fragmentação do conhecimento tornaram-se um referencial de organização da vida humana.

Houve alguns avanços em se debater as tradições, porém sem grandes rupturas. A abertura política da década de 1980 ampliou as reflexões neste debate no Brasil, que procurou delinear as dimensões socioculturais nas ciências.

Entretanto, o predomínio do pensamento moderno continua excluindo aqueles que se distanciam de seus cânones. Se os direitos coletivos impuseram políticas mais democratizadas de acesso aos bancos acadêmicos, os currículos e as práticas pedagógicas

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

pouco levam em conta experiências para descolonizar, diferenciar e/ou interculturalizar a educação superior na América Latina (CUNHA, 2016, p. 90).

Outro paradigma que sofreu transformações foi o acúmulo de conhecimento e o acesso à informação - antes estava centrado na universidade, hoje encontra-se disponível nos meios digitais. Há de se considerar, entretanto, "(...) que os espaços educativos envolvem seres humanos em convivência, não há como desconsiderar os processos formativos que dela derivam e das formas de ver o mundo" (CUNHA, 2016, p. 91). Nesse sentido, "Se for mantida a perspectiva histórica de ser guardião do conhecimento sistematizado, assumindo-se como principal fonte de disseminação da informação, está fadada à progressiva extinção" (idem).

O terceiro ponto de tensão é a formação profissional, que é imprevisível, tornando os estudantes inseguros quanto aos conhecimentos acadêmicos. "Nessa condição, valorizam aprendizagens mais ecléticas e a capacidade acadêmica de transferência de conhecimentos. Dão importância às habilidades de continuar aprendendo e de compreensão mais alargada do mundo" (CUNHA, 2016, p. 93). Diante deste cenário, o trabalho do professor torna-se central, pois é na articulação entre a pesquisa e a extensão que seu trabalho de ensino promove a aprendizagem dos estudantes, ou mesmo da comunidade externa, em um permanente diálogo universidade-sociedade.

3. 2 O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E A NECESSIDADE DE FORMAÇÃO

O exercício da docência é complexo e envolve "(...) saberes, competências e atitudes que precisam ser apropriados e compreendidos em suas relações" (SOARES e CUNHA, 2010, p. 24). Dominar conhecimentos de uma área do saber não assegura a ausência de saberes pedagógicos - saberes, esses, que são de ordem técnica, afetiva, ética, política e social. Assim, o processo de ensino é uma teia de interações invisíveis entre professores e estudantes que envolve conhecimentos específicos, mas também valores e atitudes que, em adultos, ocorrem pela aprendizagem autônoma, ou seja, é preciso que o pensamento independente crie a análise reflexiva para que se compreendam os conteúdos de ensino apresentados. "Em síntese, a sua motivação para aprender é, principalmente, decorrente de fatores internos, ou seja, da sua compreensão acerca do sentido do quê e do como é ensinado" (SOARES e CUNHA, 2010, p. 28).

Não basta ao professor formar cidadãos com vistas à sua instrumentalização técnica profissional, é necessário, além disso, se voltar à uma análise crítica mais ampla, através de uma leitura do contexto social envolvido, aliando teoria e prática. "(...) é importante ressaltar que a ideia da carreira docente, tem muito a ver com nossa relação com o conhecimento, com sua produção, com sua sistematização, com sua transmissão e com sua finalidade social" (SEVERINO, 2008, p. 32). Este autor acrescenta ainda:

Pode-se dizer que o educador-cientista, ou o cientista-educador, é necessariamente uma pessoa pública, assim entendida em decorrência de que o conhecimento é, sem nenhuma dúvida, atividade de um sujeito coletivo e uma dívida social. Ser pesquisador, numa

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

sociedade historicamente determinada, não é isolar-se num laboratório ou num escritório, lidando com o conhecimento como se ele fosse um processo etéreo e descompromissado com o todo da existência histórica dos homens (SEVERINO, 2008, p. 35).

A lógica mercantil impacta os profissionais e invade a educação superior, interferindo na prática docente, transformando o professor, às vezes, em um “prestador de serviços” e o estudante em “cliente”. Compreender o sistema social e sua inserção no modo capitalista, além do impacto das reformas educacionais no trabalho docente deve ser considerado para se constituir processos inovadores na aula da educação superior. A aula implica nas influências das lutas de classes ao longo da história, ela ocorre em um tempo e um lugar, tem um conteúdo estabelecido, é orientada para um fim, envolve relações não-hierárquicas e colaborativas, é permeada pelo meio social, influências epistemológicas e institucionais, estudantes heterogêneos e toda uma gama de relações entre grupos distintos. Dessa maneira, “(...) os processos didáticos que na aula ocorrem são determinados socialmente, ao mesmo tempo, expressam as concepções do professor acerca de sociedade, educação, conhecimento, homem/mulher, de ensino e de aprendizagem”. (VIANA e SILVA, 2017, p. 69).

O processo didático sofre interferências e tem muitos desafios, conforme Viana e Silva (2017) citam-se: o contexto socioeconômico-político-histórico-cultural, como já mencionado, no caso do Brasil, ocorre sob a égide dos interesses hegemônicos capitalistas; as exigências das políticas educacionais ampliam as demandas de trabalho do professor com pouca contrapartida do Estado; há insuficiente formação inicial e continuada para a docência; os desafios didático-pedagógicos são trabalhados de formas distintas pelos professores: enquanto alguns buscam fundamentar suas práticas nas teorias da educação, outros os desconsideram ou improvisam, pautados por erros e acertos; é conflituosa a relação com as novas tecnologias; percebe-se desmotivação do estudante e um desprestígio da educação como um todo; o comprometimento do estudante deveria ser maior no seu próprio processo de aprendizagem, impactando nas formas de ensino.

Como forma de enfrentamento desses desafios, os autores supracitados colocam alguns pontos que podem ser levados em consideração, iniciando-se pela construção de relações mais afetuosas e democráticas com os estudantes, compreendendo que o ensino-aprendizagem é um processo colaborativo e não hierárquico, ou seja, as respostas e os questionamentos são oriundos de ambos os lados, professores e estudantes. Nesse contexto, os processos avaliativos devem ser orientados conforme os objetivos institucionais de modo que façam parte do próprio processo de ensinar e aprender. Outra questão é relacionar teoria à prática, dinamizando os conteúdos e transformando problemas reais, organizando conteúdos e metodologias de ensino inter-relacionados e orientados a uma perspectiva crítica de enfrentamento de problemas cotidianos. Promover a pesquisa alimenta as reflexões e estabelece relações com os conteúdos das aulas - o ensino e a pesquisa tem uma relação epistemológica indissociável. Por fim, aproximar os conhecimentos científicos aos conhecimentos locais, compreendendo as particularidades e contextos para articular interesses. Desse modo, tendo clareza dos contextos envolvidos na sua aula, o professor deve vivenciar uma formação continuada que o capacite a lidar com os desafios para articular ações

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

colaborativas entre a sociedade, o sistema educativo e suas demandas.

A formação docente envolve "(...) uma dimensão pessoal de desenvolvimento humano global" (SOARES e CUNHA, 2010, p. 30) que integra uma área do saber com a formação pedagógica - é formar formadores. Em geral, é exigido ao docente da educação superior o título de doutor e sua avaliação para progredir na carreira docente se dá pela sua produção/pesquisa. Para Almeida (2012), a formação docente para este nível de ensino não diz respeito à profissionalização para determinado mundo do trabalho ou de mercado, deve-se ter em mente que a universidade é uma instituição social de trabalho intelectual culturalmente acumulado que fertiliza críticas atuais. "Trata-se de pôr a educação a serviço da transformação social" (ALMEIDA, 2012, p. 101).

O quadro apresentado por Almeida (2012, p. 61-62) expõe que a atividade docente nas instituições particulares está atrelada à sala de aula, "(...) claramente explicitado no contrato empregatício e dos professores nem sequer se espera o exercício de outras atividades acadêmicas como a pesquisa, a extensão ou a gestão". É negado produzir conhecimento, mesmo sendo indissociável ao processo. Já nas instituições públicas, muitos docentes preferem atividades menos desgastantes que as aulas. Assim, Almeida (idem) questiona sobre a formação do professor do ensino superior: "Sua preparação dá conta das múltiplas dimensões implicadas na sua atuação, como as atividades de produção do conhecimento e também as atividades de ensino?"

Ainda conforme a autora supracitada, no campo da pedagogia observam-se duas tendências que afastam o docente: o mundo do trabalho, que determina um modelo de profissional ratificando a lógica de que "quem sabe fazer sabe ensinar" e o ensino da pesquisa, que é o alvo maior da pós-graduação, em detrimento do ensino. Conforme a LDB, a preparação docente para o ensino superior deve se desenvolver nos cursos de pós-graduação, no entanto, a ênfase destes está na pesquisa.

A atuação docente do ensino superior configurou-se de acordo com as tradicionais atribuições da própria universidade, onde, como já dissemos, a produção do conhecimento, o ensino e a extensão se revelam elementos indissociáveis e norteadores da efetivação de seu papel social (ALMEIDA, 2012, p. 66).

A docência é um campo complexo de ação, envolta por três dimensões entrecruzadas: a profissional, a pessoal e a organizacional. Essa tridimensionalidade sustenta a construção da identidade do professor, as teorias e contextos da prática de seu campo de saber. O cotidiano profissional e seus processos espontâneos, portanto, não sustentam a atividade ou as demandas do ensino universitário - há de se ter "(...) uma intenção metodológica coerente com seus objetivos" (ALMEIDA, 2012, p. 84).

No entanto, ao contrário da pesquisa, na qual se reconhece a importância e o valor da formação como caminho para alcançar o domínio de seus fundamentos teóricos, códigos e procedimentos, o ensino muitas vezes é compreendido apenas como uma dimensão técnica

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

do fazer do professor, algo que se aprende com base na prática e pode ser alimentado apenas pelo conhecimento dos conteúdos da área específica, pelas experiências vividas como aluno (ALMEIDA, 2012, p. 90-91).

O professor universitário tem demandas de trabalho muito diferentes, que envolvem seu entorno social, coletivo e institucional, com o seu individual, que necessita do desenvolvimento da pesquisa como forma de aprender e ser um agente de mudança. Necessita, também

(...) de um processo formativo sustentado na articulação teoria-prática, no qual o professor cultive a capacidade de olhar para si, para o ensino e para a aprendizagem como uma ação dinâmica, viva, contextualizada e transformadora, ou seja, como uma prática social complexa (ALMEIDA, 2012, p. 81).

A formação dos professores universitários, neste caso a formação continuada, precisa compreender a dimensão político-ideológica, ética, psicopedagógica e também didática, que fortalece o campo de atuação docente, além de proporcionar "(...) a compreensão das mudanças que os atingem e qualifica-os para responderem ao compromisso social de uma universidade que busque a excelência acadêmica no ensino, na pesquisa e na extensão" (ALMEIDA, 2012, p. 76). Neste sentido, a autora coloca três princípios da formação docente: articulação entre teoria e prática (e não a justaposição delas); integração das dimensões disciplinar e pedagógica dos conteúdos; necessidade de assumir a formação de forma continuada ao longo da carreira.

A maior força de poder na estrutura acadêmica, sem dúvidas, está na figura do professor. A recusa da dimensão pedagógica de muitos professores tem suas bases nas especificidades profissionais das áreas, na concepção de neutralidade científica hegemônica nas ciências exatas e da natureza – os conhecimentos estariam acima da dimensão humanizadora-pedagógica. As dificuldades dos professores aparecem quando surgem estudantes com problemas de aprendizagem, o que requer necessidades específicas e adaptadas. "São essas dificuldades reais que justificam a necessidade de progredir na formulação de postulados pedagógicos e didáticos capazes de acrescer fundamentos às práticas docentes (...)" (ALMEIDA, 2012, p. 94).

3.3 OS PRINCÍPIOS DA PESQUISA E DA EXTENSÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Pesquisar é transformar a realidade com a qual se defronta o pesquisador, é solucionar problemas através da investigação e inquirição desta realidade, é orientar ações. É no âmbito da pesquisa que os professores atuam, pois é esta que alimenta os processos educativos e a construção do conhecimento, o que torna a aprendizagem significativa – o processo pedagógico é conduzido pela postura investigativa, visto que o conhecimento vai se transformando ao longo do tempo.

O envolvimento dos alunos ainda na fase de graduação em procedimentos sistemáticos de produção do conhecimento científico, familiarizando-os com as práticas teóricas e empíricas da pesquisa, é o caminho mais adequado inclusive para se alcançar os objetivos da própria

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

aprendizagem (SEVERINO, 2008, p. 21).

A importância de iniciar os graduandos na prática da pesquisa está no processo, na construção histórica pessoal, tendo como resultado o saber, que deve edificar "(...) bases para a continuidade [da] vida científica, cultural e acadêmica (...)". Para tanto, é preciso uma mudança de postura do docente: "(...) impõe-se que o professor valorize a pesquisa em si como mediação não só do conhecimento mas também, e integralmente, do ensino". É o "(...) ensinar pela mediação do pesquisar (...)". (SEVERINO, 2008, p. 22).

Gatti (2003) questiona o papel de uma pesquisa do docente para com sua atividade de sala de aula e enfatiza que, nos cursos que formam mestres e doutores, há pouca ênfase em aspectos da didática e insuficiente articulação da pesquisa com a atividade docente, fragilizando o jargão "indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão". Para a autora, é preciso perceber os variados significados de pesquisa e em como ela desenvolve a aprendizagem dos estudantes, além de subsidiar o próprio ensino com o desenvolvimento de novos saberes. Na visão desta autora, existem níveis ou parâmetros de análise muito distintos para ambas as atividades, ensino e pesquisa:

"(...) em seu cotidiano, a atividade do professor exige decisões imediatas, e a relação professor-alunos-conhecimento passa por aspectos comunicacionais e afetivos de grupo, além dos racionais, num processo de formação/instrução de pessoas. Na pesquisa, a relação tem como eixo um problema em investigação, e a preocupação é com um novo conhecimento (GATTI, 2003, p. 76).

O diálogo sociedade-universidade deve ter argumentações que orientem ações coletivas, que considerem diferentes contextos e interesses através de entendimentos mútuos. Além disso, dentro de seus espaços acadêmicos, a universidade precisa tomar a extensão como elemento formativo e de destaque no processo de aprendizagem e no desenvolvimento das pesquisas. "A extensão deve influenciar o ensino e a pesquisa e não ficar isolada deles, da universidade como um todo e dos anseios da sociedade (...)". (GADOTTI, 2017, p. 2). O território da extensão é tanto um campo de estudo quanto de intervenção, um espaço dialógico.

Os alunos precisam conhecer o entorno da universidade, ir até os lugares mais empobrecidos. Precisam conhecer as favelas, prisões, hospitais, escolas, igrejas... precisam descobrir in loco como vivem os brasileiros, as mulheres, as crianças, os doentes, os idosos. A realidade, o mundo é nosso primeiro grande educador. Os desafios da Extensão Universitária são enormes. Aqui vale a escuta aberta, a criatividade, a imaginação. Não há um campo melhor e mais gratificante e inovador para o trabalho acadêmico do que na Extensão Universitária. (GADOTTI, 2017, p. 14).

A razão de ser da universidade encontra-se mais no futuro do que no presente, pois trata de desejos de construção de uma sociedade mais justa. A implementação real do conceito de

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

indissociabilidade enfrenta problemas de financiamento e as práticas extensionistas não atingem todos os segmentos sociais.

Por isso, argumentamos também que a extensão é fruto da proposta da universidade que a instituição carrega. Como tal, a universidade precisa de unidade interna. Sem interação interna, que forma os tendões para estender (“tender” - “tendões” - que se estica - extensão), não tem como ir ao outro, para fora de si, a sociedade. Sem o reconhecimento de si não tem como reconhecer o outro e nem como formar laços de unidade (universidade e sociedade). Externamente, as universidades têm dificuldades para buscar parceiros francos que possam atuar de modo edificante para as ciências e para promover desenvolvimentos recíprocos. Todos sabem que universidade e sociedade precisam dialogar, não podem estar isoladas uma da outra. No entanto, efetivar esse diálogo é um grande desafio, dadas as complexidades inerentes às instituições, aos setores sociais e às funções dos campos onde os agentes sociais estão inseridos (SILVA, 2013, p. 128).

O movimento da universidade entre saberes acadêmicos e comunitários se dá, conforme Síveres (2013, p. 24) “(...) entre os projetos institucionais e sociais, nessa projeção regional e internacional, ou nessa sincronicidade entre a unidade e a diversidade”, de forma a dialogar neste sistema complexo, um diálogo pluridirecional que potencializa o projeto pedagógico institucional – é a ideia de instituição educadora e comunicadora, colocada por Paulo Freire. “Nesse caso, a extensão universitária é caracterizada como uma finalidade constitucional e, portanto, um atributo institucional para colocar em movimento um processo dialogante” (SÍVERES, 2013, p. 25).

(...) a extensão tem uma função importante para tornar públicos os projetos acadêmicos por meio da problematização, da transversalidade e da historicidade. Nesse sentido, é oportuno tornar comum o conhecimento, o processo educativo e o projeto sociocomunitário, como uma condição política da própria instituição (SÍVERES, 2013, p. 26).

A extensão, bem como o ensino e a pesquisa, promove experiências educativas, amplia oportunidades de aprendizagem, articula teoria e prática, integra universidade e sociedade, transbordando a estrutura cronológica curricular e os espaços, ao considerar distintas comunidades e organizações sociais. Assim, “(...) a aprendizagem no tempo, no espaço e no processo deve caracterizar-se [...] pela indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão” (SÍVERES, 2013, p. 30).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo em mudança afeta a educação e as demandas de aprendizagem, conforme Libâneo (2011), amparadas pela mediação didática do professor, precisam ser repensadas. O desenvolvimento da razão crítica e de uma inteligência geral permitirão a intervenção na realidade através da cidadania participativa, articulando saberes particulares com o contexto multidimensional. “A aprendizagem, para ser eficaz, deve ser significativa e pessoalmente

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

relevante, a partir da qual o estudante organiza a construção do seu conhecimento” (GADOTTI, 2017, p. 9).

O hábito da produção do conhecimento oriundo da pesquisa dá ao acadêmico uma visão diferenciada, pois amplia horizontes e cria uma visão mais crítica, além do currículo tradicional, proporcionando ao estudante que se sobressaia também no mercado de trabalho. A iniciação científica transforma os estudantes iniciantes em acadêmicos com melhor aproveitamento e de visão mais crítica.

A profissão de professor, muito presente no imaginário social, se altera na medida em que o contexto social se transforma. Tradicionalmente, ser professor era transmitir informações às novas gerações, necessitando dele o domínio de um campo do saber – quanto mais conhecimento detinha, melhor era o professor. Sob muitas formas ainda se observa essa compreensão de docência na cultura do país, principalmente quando se analisam as práticas cotidianas. Para Cunha (2018):

Essas práticas não são meramente decisões individuais dos professores; estão nas culturas valorizadas também na sociedade e nas instituições. (...) As instituições, por sua vez, também têm muitas dificuldades para alterar suas rotinas organizacionais, quer na forma dos registros da performance dos alunos; quer na organização dos espaços escolarizados; quer pela valorização da lógica da ciência moderna expressa em seus currículos e planos de estudo (CUNHA, 2018, p. 7).

Na universidade, os conhecimentos didáticos e pedagógicos são recusados ou desconhecidos. As especificidades das disciplinas nas diferentes áreas deveriam se integrar à didática, “(...) articulando numa teoria geral de ensino as várias ciências da educação e compondo-se com as metodologias específicas das disciplinas curriculares” (LIBÂNEO, 2011, p. 194). Além disso, integrar processos de pesquisa, associados ao método de resolução de problemas, leva o estudante a desenvolver processos mentais e procedimentos de ação, relacionando ativamente os conteúdos com a realidade que deverão confrontar.

Verifica-se, pois, que a pesquisa não é meramente um complemento da formação universitária, mas atividade de produção e avaliação de conhecimentos que perpassa o ensino. Numa aula são trabalhados conhecimentos que foram produto de pesquisa, os conhecimentos trazidos provocam outros problemas e suscitam novas descobertas. Portanto, a pesquisa dá suporte ao ensino, embora seja, também, imprescindível para a iniciação científica (LIBÂNEO, 2011, p. 207).

Para superar isso, a autora afirma que “Não basta saber fazer, é preciso compreender teoricamente por que se faz e as consequências dessas ações como professores” (CUNHA, 2018, p. 8). Assim, práticas e reflexões sobre saberes pedagógicos profissionalizariam o professor, não se tornando um fazer com escassos saberes profissionais – isso faria da docência um verdadeiro

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

campo profissional. A universidade no século XXI demanda um reconhecimento do campo científico e profissional, que ainda está em fase de legitimação quanto às questões pedagógicas e de políticas públicas de formação docente.

Gatti (2003) sugere que a formação docente para a educação superior passe por uma triangulação: docência - pesquisa especializada - pesquisa sobre a ação docente, a ser realizada nos currículos de cursos de mestrado e doutorado, na formação continuada ou em projetos departamentais, em um processo transcultural intentado por gestores e professores nas instituições, posteriormente a uma renovação da cultura das mesmas. É por isso que

A criação de um espaço de transvariação desses polos na ação do docente universitário exige uma meta institucional, um esforço de gestão e de motivação dos professores. Não se trata, pois, de subordinar o ensino à pesquisa, nem a pesquisa ao ensino, mas de criar laços alimentadores de conhecimentos e de formas de abordagem didática desses conhecimentos, agregando a isso a possibilidade de o professor desenvolver investigações também de sua própria prática (GATTI, 2003, p. 78).

Os conhecimentos acumulados na universidade, conforme Sampaio e Freitas (2010), permeiam a ideia de movimento e acontecem de forma transversal nas diferentes ações acadêmicas. Ensinar, pesquisar e estender o conhecimento para o meio social são todas as ações que estão imbuídas na aprendizagem e na formação humana, fazendo com que o estudante transforme conhecimento em sabedoria.

Assim, cabe ao Ensino dar ênfase na socialização do conhecimento acumulado pela humanidade; à Pesquisa cabe buscar alargar as fronteiras do conhecimento; e à Extensão cabe a ênfase em cumprir a função social e ética dos conhecimentos acumulados, transmitidos e produzidos na universidade (SAMPAIO, FREITAS, 2010, p. 21).

Em síntese, conforme expõem esses autores, a indissociabilidade, para acontecer de forma "natural" na universidade, deve reformular suas práticas acadêmicas, que requerem novos parâmetros de gestão, novas práticas docentes, nova cultura de pesquisa com novos processos de aprendizagem.

É preciso que se tenha clareza do papel da universidade, que envolve o conhecimento articulado a um processo educativo e um projeto social. "Essa realidade precisa ser compreendida pela Universidade com o objetivo de contribuir com formas alternativas de convivência e com modelos diferenciados de consciência" (SÍVERES, 2011, p. 39). É esta conexão que impulsionará as finalidades educativas da universidade - a extensão está conectada a esse sistema acadêmico, é uma instância privilegiada de formação integral e possui um compromisso de transformação social e de acessibilidade ao conhecimento. Para Síveres (2011, p. 46) "Essa sinergia procura articular tanto o processo de aprendizagem acadêmico quanto o procedimento de desenvolvimento da sociedade, objetivando projetar a universidade, por meio da extensão, para novos horizontes". É

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

desta forma que poderá se responder ao questionamento sobre o trabalho docente: como promover a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de. Formação do professor do Ensino Superior: desafios e políticas institucionais. São Paulo: Cortez, 2012.

CUNHA, Maria Isabel da. Docência na Educação Superior: a professoralidade em construção. Educação. Porto Alegre, v. 41, n. 1, jan./abr. 2018, p. 6-11.

CUNHA, Maria Isabel da. Inovações na educação superior: impactos na prática pedagógica e nos saberes da docência. Revista Em Aberto, Brasília, v. 29, n. 97, p. 87-101, set./dez. 2016.

DALBOSCO, Claudio Almir; FÁVERO, Altair Alberto. Universidade e formação pedagógica: a busca por excelência em ensino, pesquisa e extensão. In SGARI, Rosani; VALÉRIO, Patrícia da Silva; CASAGRANDA, Edison Alencar. Universidade e formação. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2017, p.13-35.

GADOTTI, Moacir. Extensão Universitária: para que? 2017. Disponível em: . Acesso em 23 jun. 2019.

GATTI, Bernardete A. formação do professor pesquisador para o ensino superior: desafios. Revista Psicologia da Educação. São Paulo, n. 16, 1º sem. 2003, p. 73-82.

GOMES, Válter; MACHADO-TAYLOR, Maria de Lourdes; SARAIVA, Ernani Viana. O ensino superior no Brasil: breve histórico e caracterização. Ciência & Trópico, Recife, v.42, n. 1, p. 106-129, jan/jul, 2018. Disponível em: .

LIBÂNEO, José Carlos. Conteúdos, formação de competências cognitivas e ensino com pesquisa: unindo ensino e modos de investigação. In PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel de. Pedagogia universitária: caminhos para a formação de professores. São Paulo: Cortez, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2012.

SAMPAIO, Jorge Hamilton; FREITAS, Marta Helena. A indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. In FREITAS, Lêda Gonçalves de; CUNHA FILHO, José Leão da; MARIZ, Ricardo Spindola. Educação superior: princípios, finalidades do ensino e formação continuada de professores. Brasília: Universa; Líber Livro, 2010, p.13-32.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Ensino e pesquisa na docência universitária: caminhos para a

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

integração. São Paulo: USP, 2008.

SILVA, Enio Waldir da. Fortalecendo a cultura cidadã dos estudantes: um dos papéis da extensão na universidade. In SÍVERES, Luiz. A extensão universitária como princípio de aprendizagem. Brasília: Liber Livro, 2013.

SÍVERES, Luiz. O princípio da aprendizagem na extensão universitária. In SÍVERES, Luiz. A extensão universitária como princípio de aprendizagem. Brasília: Liber Livro, 2013.

SÍVERES, Luiz; MENEZES, Ana Luisa Teixeira. Nas fronteiras da indissociabilidade - a contribuição da extensão universitária. In SÍVERES, Luiz e MENEZES, Ana Luisa Teixeira (orgs). Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão das instituições comunitárias de ensino superior (ICES). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

SÍVERES, Luiz. Princípios estruturantes da extensão universitária. In MENEZES, Ana Luisa Teixeira; SÍVERES, Luiz. Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão das instituições comunitárias de ensino superior (ICES). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

SOARES, Sandra Regina; CUNHA, Maria Isabel da. Formação do professor: a docência universitária em busca de legitimidade. Salvador: EDUFBA, 2010.

VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá; SILVA, Edileuza Fernandes da. A aula na educação superior: desafios e perspectivas na atualidade. Revista de Administração Educacional, Recife, V. 1. Nº 1. 2017 jan./jun. 2017 p.67-80.